

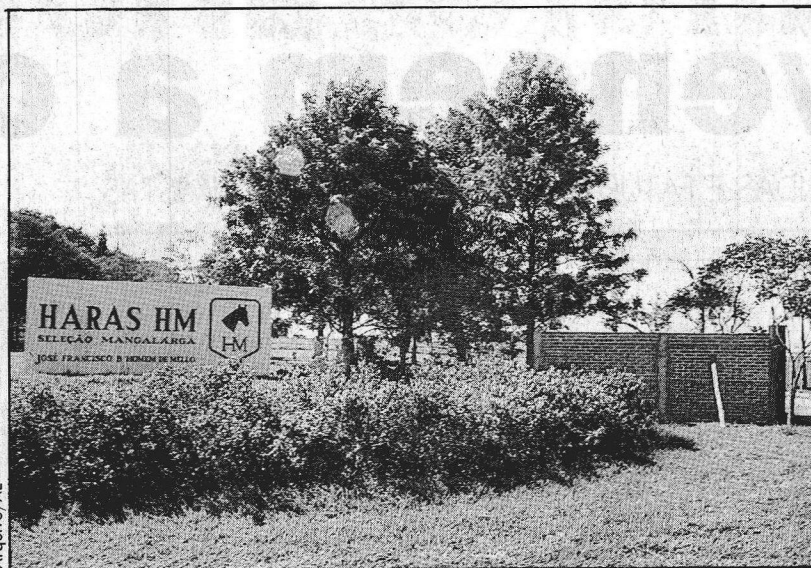
Fernandes: mais um a ser investigado.

PROMOTORES CHEGAM AO NOME DE MAIS UM SUSPEITO

FERNANDO GRANATO

Uma nova personagem pode ajudar a polícia a esclarecer pelo menos um dos mistérios que cercam o caso Antônio Sérgio Fernandes. Seu nome é José Amaro Pinto Ramos e ele é o procurador no Brasil da empresa Franschhoek Inc. Sociedade de Direito do Reino Unido. Esta empresa, sediada nas Ilhas Virgens Britânicas, no paraíso fiscal do Caribe, comprou em nome de Fernandes o Haras HM, em Campinas. A compra levantou as suspeitas acerca da origem patrimonial do ex-presidente do Metrô, que resultaram numa investigação do Ministério Público e na decretação da sua prisão preventiva, pela Justiça, semana passada.

Fernandes e seus três companheiros considerados "compartes" em operações ilícitas — seu cunhado Waldeli Vani, o ex-diretor do Metrô Antônio Silva de Góes e o gerente de Planejamento do Metrô Shuiji Butsugam, que também tiveram prisões preventivas decretadas — continuam foragidos da polícia. O delegado Guilherme Santana, responsável pelas capturas, continuou as buscas no-



Arquivo/AE

Haras HM: a compra levantou primeiras suspeitas.

final de semana, sem êxito.

O procurador da Franschhoek, que poderia indicar o paradeiro de Fernandes, tem seus dois telefones dando sinal de ocupado desde sexta-feira. Na casa do procurador, cercada por altos muros e vigiada por circuito interno de televisão, na Chácara Flora, empregados dizem que ele "está no exterior".

A ligação de José Amaro Pinto

Ramos com as operações praticadas por Fernandes — que levaram o ex-presidente do Metrô a acumular um patrimônio de US\$ 6,5 milhões — é inegável. Fernandes, no final de 1990, procurou o então dono do Haras HM, José Francisco Homem de Mello, e assinou um documento intitulado "Opção de compra do Haras HM". Nele, oferecia como garantia para a

compra do haras, avaliado em US\$ 2 milhões, dois flats localizados nos Jardins. Estes não foram registrados em cartórios mas instrumentos particulares de venda mostram que seus proprietários eram Fernandes e sua mãe.

No início de 91, quando a compra do HM seria efetivada, quem apareceu não foi mais Fernandes e sim a empresa Franschhoek. Um detalhe, contudo, indica que o ex-presidente do Metrô continuava no negócio: foram dados como parte do pagamento justamente os dois flats oferecidos anteriormente por Fernandes. "A operação seria perfeita se não tivessem esquecido desse detalhe", diz o promotor Dráusio Barreto, um dos responsáveis pelas investigações e pelo pedido de prisão preventiva do "bando". "Eles foram primários".

O promotor Barreto chegou também ao nome de outra pessoa para esclarecer a presença da Franschhoek nas operações de Fernandes. Através da Interpol, ele descobriu que a empresa tem um responsável legal, Arias Fabrega — um árabe residente em Londres.